

SALES, Jonas de Lima. Corporeidades negras em cena – Reflexões. Brasília: Departamento de Artes Cênicas - UNB; Professor Assistente; Doutorando PPgArte/UNB; Artista cênico.

RESUMO

Esta proposta de comunicação objetiva refletir sobre as corporeidades negras constituídas nas expressões tradicionais do Maracatu e Maculelê, na elaboração estética do trabalho do artista cênico. Com isso, busca-se discutir suas técnicas e suas contribuições no processo criativo para a cena, inserindo uma reflexão a respeito das tradições que atravessam o espaço e o tempo e são contemporâneas. Esta discussão é fruto de pesquisa de doutorado em andamento no PPgArte/UNB.

Palavras-chaves: Corporeidade negra, Cena contemporânea, Tradição, Artista cênico.

ABSTRACT

This proposal aims to reflect on communication corporealities black incorporated in the expressions of traditional Maracatu and Maculelê in aesthetic elaboration of the work of scenic artist. With that, we try to discuss their techniques and their contributions in the creative process to the scene, entering a discussion about traditions across space and time and are contemporary. This discussion is the result of doctoral research in progress PPgArte / UNB.

Keywords: Embodiment black contemporary scene, Tradition, scenic artist.

Nas artes cênicas, comumente ouvimos as palavras Corpo e Subjetividade caminhando muito próximos. Como contribuição na discussão que envolve os eixos corpo e subjetividade, este ensaio pretende refletir sobre estes aspectos e seus enlaces tratando-se das *corporeidades negras* na cena atual. Para isso, trago o pensamento da psicologia elaborado por Gonzáles Rey para contribuir no que diz respeito ao tema Subjetividade.

Claramente percebemos que no campo das epistemologias, mudanças que redimensionam os pensamentos ocorreram e ocorrem, contribuindo para que novas perspectivas sejam apontadas e novos conceitos sejam reelaborados a partir dos já existentes. Deste modo, vemos que no campo da psicologia, pensar o desenvolvimento do sujeito humano foi e é redirecionado por diversos estudiosos ao longo do tempo. Neste sentido, refletir a respeito do sujeito que vivencia suas subjetividades a luz das mudanças de conceitos é um percurso importante a ser vivenciado na atualidade.

As rupturas ocorridas ao longo do século 20, em que o homem em sua razão, cogito, consciência é questionado e que o sujeito humanista é superado, empolga-me a defesa de Fernando Gonzáles Rey com a ideia de que a *subjetividade é definição ontológica dos processos psíquicos humanos e das formas de institucionalização social*

das práticas sociais, levando-nos a pensar a subjetividade do homem a partir das relações do psiquismo com as condições de sua cultura.

Assim sendo, acredito numa prática de subjetividade elaborada pelo homem que se alimenta das práticas sociais, da história que cada um vivencia e da cultura que o permeia em seu grupo social. Destaco a seguinte fala:

subjetividade que reconhece sua natureza social, cultural e histórica. Parto de uma ideia de subjetividade que integra o sujeito, suas ações simultâneas em diferentes contextos, sua história e as formas diversas em que tudo isso ocorre dentro de espaços múltiplos de subjetividade social. (González Rey, 2011)

Ao ver que o autor aponta sistemas autopoietico, que podem se organizar, fazer elos com o atual e o passado, com a gênese de suas histórias, me conduz ao meu momento de pesquisa, que busca perceber as relações de matrizes de uma corporeidade negra na cena contemporânea. Esta corporeidade está à luz de uma história construída por grupos sociais ao longo do tempo, de uma cultura tradicional, mas que são presentes e vivos na atualidade. Deste modo, vislumbro a probabilidade de criações subjetivas em corpos em processos de aprendizagens. Corpos que aprendem e descobrem possibilidades de criações a partir das expressões elaboradas em comunidades populares.

As diversas visões dos estudos da psicologia desde a psicologia comportamentalista até a teoria histórico-social cria um caminho possível para o entrançamento de ideias, bem como desperta questionamentos a respeito da relação humana com sua psique. Desperta apontamentos para se refletir a respeito das influências que essas ideias construíram ao longo do tempo e que fazem com que o corpo humano e suas relações estéticas com a cultura que o envolve tragam marcas dessas concepções.

Diante disso, o corpo é um elemento a ser percebido e entendido como fundamental para a constituição das subjetividades de cada um de nós, e assim, acredito que as criações artísticas são elaboradas como reação aos estímulos culturais que pessoas possam ter em processos de experimentos e descobertas de produção de signos a partir da sensibilidade que envolve o psíquico.

Penso que pode se construir a identidade do sujeito agregando as configurações subjetivas que o envolve em seu mundo, em seu meio social. Deste modo, a subjetividade será o responsável pela dimensão de sentido subjetivo das produções culturais humanas.

Considero aqui como subjetividade, a defesa da teoria de González Rey que diz ser;

Um sistema não fundado sobre invariantes universais que teria como unidade central as configurações de sentido que integram o atual e o histórico em cada momento de ação atual do sujeito, momento este definido pela organização subjetiva da personalidade; mas, ao mesmo tempo, pelo caráter

processual da subjetividade o qual se expressa na produção atual de sentidos subjetivos no percurso das ações do sujeito. (González Rey, 2005)

Hoje em dia, aspectos como a dicotomia existente entre natureza e cultura, social versus biológico, indiscutivelmente agrega cicatrizes aos corpos. Deste modo, penso o papel do corpo nesses momentos em que a psique é estudada como um elemento natural e são esquecidos os aspectos sociais que este corpo recebe e reflete. Tais aspectos influenciam nos processos de conhecimento do indivíduo e em seus processos de relações com a sociedade, pois, considero que a história vivenciada em sociedade vai influenciar diretamente no desenvolvimento da psique.

Considerando a teoria da subjetividade de González Rey e o corpo que vivencia expressões que nela está inserida matrizes de uma tradição negra, podemos levantar a seguinte reflexão: Nos processos de constituição da aprendizagem dos indivíduos em suas comunidades, está inserido um grande complexo de configurações sociais que influenciam nas subjetividades criadas por estes sujeitos, e que, conseqüentemente elaboram sentidos e significados as suas expressões de cultura.

Na fala do autor “O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua instabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavras adquire no contexto da fala.” Assim, pensar nas subjetividades que nos permeiam, leva-nos para a criação de significados coletivos feitos pelos indivíduos que vivem suas experiências em suas comunidades, tornando-se, em muitas de suas expressões, pilastras essenciais para possíveis reflexões no campo da arte e do corpo que produz códigos.

Sim, produzimos códigos e sentidos que influenciam na produção de subjetividade individual coletiva. É interessante pensar na subjetividade que o indivíduo constrói a partir da vivência que expressões como o Maracatu lhe oferecem, fazendo com que exista um diálogo entre esta expressividade e o sujeito na elaboração destes sentidos, influenciando um ao outro. Assim, nesta construção, podemos pensar nas atividades corpóreas, ou seja, as que têm o corpo como elemento de linguagem realizado pelo homem, como caminhos de subjetivações.

Trago às vistas, expressões populares como o Maracatu, Maculelê, Jongo, que se constituíram ao longo das histórias de diversos grupos sociais e que refletem as subjetividades de uma negritude social em nosso país. Conseqüentemente, o indivíduo inserido nestas práticas adquire uma vivência corpórea que trazem contextos que refletem nas suas criações e processos de aprendizagens empíricas em seus grupos.

Existe um caminho de mão dupla quando um indivíduo se insere em uma expressividade cultural desta natureza. Ao receber as técnicas necessárias para suas danças e dramatizações, este ganha do grupo, códigos já constituídos por tradição ao longo da história deste evento espetacular. Por outra via, a expressão cultural, ganha novos signos trazidos pelo novo participante, gerando assim, um diálogo provável de surgimento de subjetividades.

Para acrescentar em nossas reflexões, perpasso por esta discussão, tendo a referência de que, nas manifestações populares, os sujeitos envolvidos desenvolvem técnicas corpóreas que explicitam uma liberdade técnica, de modo que, possibilita uma constante recriação dos parâmetros estilísticos do movimento elaborado. De tal modo, é compreensível que pequenas nuances sejam alteradas nos movimentos dançantes destes sujeitos no momento em que executam suas performances corpóreas, moldando-as e recriando-as no tempo e no espaço como é reforçado por Rodrigues (2005) quando diz que,

provém, portanto, do dançante a capacidade de quebrar as formas. A partir dos elementos estruturais da manifestação, a maneira de mover-ser de um dançante modifica a própria forma que a gerou. Dentro do fluxo do decompor e transformar, o movimento não se cristaliza, pois no momento seguinte de sua criação ele já se apresenta como algo novo e dinâmico. (p.103)

Assim, este se torna sujeito dentro deste fazer, mas, indiscutivelmente, não podemos desconsiderar que existe um princípio estético do movimento que conduz o grupo a uma estilização conjunta que caracteriza tal expressão, fazendo com que identifiquemos características estéticas que são elementos da identidade da expressão de arte exposta e do grupo social que o sujeito está inserido.

Percebe-se nas expressões de tradição popular uma espontaneidade que sugere a individualidade do sujeito. Mas também uma unicidade dentro de um sistema padrão que revela a organização estética do grupo e reverbera na experiência do sensível que chega até os olhos de quem vê.

Mendes e Nóbrega (2004) nesta perspectiva da construção dos gestos individuais refletem sobre a cultura apontando que:

Os gestos podem ser considerados campo de visibilidade da articulação entre natureza e cultura. Portanto, apesar de todos os seres humanos serem capazes de gesticular, os gestos expressam as singularidades individuais e culturais apresentando linguagens específicas.

Deste modo, considera-se que a construção do movimento individual emite uma singularidade do brincante envolvido na manifestação e que o agrupamento destes indivíduos fará com que haja uma necessidade de organização dos movimentos em grupo, sugerindo assim, uma nova construção do movimento nos aspectos coletivos, daí o surgimento de rodas, fileiras, deslocamentos, etc, formando características do desenho coreográfico expressas nas manifestações espetaculares do povo.

Neste sentido, tal pensamento me levou a pensar a partir das minhas experiências com processos criativos inserindo matrizes corpóreas africanas nas criações artísticas de aprendizes de artes cênicas, trazendo para pauta, a ideia de que o conhecimento está no corpo do sujeito constantemente estes saberes são acrescidos e reelaborados. O sujeito, ao longo de sua história, vai se impregnando de subjetividades e a arte é um meio de representação desta subjetividade. Portanto, acredito que os saberes

não estão separados do sujeito como um todo e sim está constituído neste corpo sujeito que traz histórias a serem contadas.

Deste modo, defende-se que, quando o artista cênico vivencia em seus processos a arte afrodescendente inserida em nosso contexto cultural, esta colaborará com as relações que o este sujeito irá criar com seus processos subjetivos. Possibilitará a organização de seus saberes fazendo suas relações com o mundo que o permeia.

A aprendizagem na interface e na interdependência de aspectos cognitivos/intelectuais, que irá compor um sistema dinâmico e complexo com os aspectos afetivos. Para isso, um se torna condição do outro, e não causa, e formam uma unidade sistêmica. Essa aprendizagem, então, só pode ser definida e explorada pelo próprio sujeito, que define os tipos de entrelaçamentos que serão feitos com aprendizagens anteriores, o que comporá uma complexa rede, pois não se constituirá apenas da dimensão cognitiva. (GONZÁLEZ REY. 2008)

Faz-se pertinente que as reflexões, as dúvidas, as hipóteses façam parte do espaço que proporciona o conhecimento e não se construa aprendizagens passivos a reprodução dos conceitos estabelecidos como os certos e que são constantemente repetidos como fórmulas do que deve ser considerado como o perfeito, assim, excluindo muitos indivíduos que não se encaixam nessas bases fundadas ao longo da história da educação formal.

O sujeito aprende como sistemas, e o corpo é um sistema que aprende. Um sistema que se relaciona com as emoções que vive e tais afetividades influenciam no aprendizado e nas subjetividades. O corpo como agregador de conhecimentos em todos os seus sistemas que formam um ser sujeito de suas subjetividades e reafirmo a fala do Gonzáles Rey ao dizer que; *“o sujeito só vai desenvolver-se na tensão de sua produção singular ante a possibilidade de alimentar com sua experiência o que aprende e de alimentar o seu mundo com aquilo que aprende.”*

Deste modo, a descoberta e vivência das corporeidades negras para a cena na atualidade conduz uma exposição de conhecimentos aprendidos e mostram a individualidade do sujeito a partir de suas próprias posições. Assim, é fundamental aprender para ser dentro de um mundo que nos oferece trocas constantes e que este aprender, nos leve a nos constituirmos enquanto pessoa neste grupo de humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Cristina Massot M. Sujeito, linguagem e Aprendizagem. In. MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. & TACCA, Maria Carmem V.R. (Org). A complexidade da Aprendizagem – destaque ao ensino superior. Campinas, São Paulo. Alínea. 2009.
- GONZÁLES REY, Fernando. Lenguaje, sentido y subjetividad: yendo más allá del lenguaje y El comportamiento. Revista; Estudos de psicologia. 32(3), 345-357. 2011.
- _____ & TACCA, Maria Carmem V.R.O sujeito que aprende – desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica & Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



_____ O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In TACCA, Maria Carmem V.R. (org) Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, São Paulo. Alínea. 2008.

MENDES, Isabel Brandão de S. e NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. Revista Brasileira de educação. Nº.27. 2004.

RODRIGUES, Graziela Estela F. Bailarino, pesquisador, intérprete: processo de formação. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2º Ed. 2005.